

Entrevista com Beá Tibiriçá

Ensinando a pescar..

Projeto de inclusão digital de maior sucesso na América Latina, a Rede Pública de Telecentros de São Paulo tornou-se uma referência. O modelo, atualmente, está até sendo exportado para outros países. **POR RAFAEL PEREGRINO DA SILVA**



Foto: Rosa Carlos

A forma de exclusão mais perversa de uma sociedade é a exclusão da sociedade de informação. Com essa frase, Beatriz Tibiriçá, a Beá, atual Coordenadora Geral do Governo Eletrônico da Prefeitura de São Paulo, ilustra bem a motivação por trás do projeto de Inclusão Digital que já se tornou referência mundial. Comemorando atualmente a marca de meio milhão de usuários cadastrados, muitos deles participantes ativos na evolução do projeto, a Rede Pública de Telecentros é a prova viva de que o Linux e o Software Livre se adequam perfeitamente às mais diferentes necessidades e

que os supostos “problemas” da interface com o usuário, falta de suporte técnico etc. há muito não passam de argumentos vazios de quem não quer admitir que o pingüim e o GNU vieram para ficar. Leia a seguir a íntegra da conversa que a Linux Magazine teve com Beá.

Linux Magazine (LM) » Qual foi a origem do projeto da Rede Pública de Telecentros?

Beatriz Tibiriçá (BT) » Antes da gestão atual, foi feita uma experiência com 10 Telecentros chamada *Sampa.org*, que foi o piloto ou embrião do projeto Telecentros como o conhecemos hoje. Foi a fonte de informações e experiências para o projeto atual.

A Coordenação do Governo Eletrônico, criada pela gestão atual, segue três premissas básicas:

- a Internet para o Cidadão;
- o uso de Software Livre;
- o Plano de Inclusão Digital.

Nesse contexto, nosso primeiro desafio foi obter um domínio e colocar no portal do Governo Eletrônico a maior quantidade possível de serviços. Entretanto, não adiantava oferecer tais serviços somente àqueles que já dispunham de computador em casa, pois desse modo estaríamos desatendendo a maior parte da comunidade. Daí a necessidade do Plano de Inclusão Digital.

O primeiro Telecentro foi instalado em junho de 2001, na Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo, com o intuito de provar a viabilidade do projeto. As máquinas nesse primeiro piloto ainda eram “dual boot”; não havia Centro de Convivência no âmbito do Telecentro, coisa que logo se mostrou necessária, devido às filas que se formaram em suas portas desde o início. O interessante é que hoje o Centro de Convivência de cada Telecentro tem características próprias, de acordo com a necessidade do bairro em que está inserido: alguns foram transformados em bibliotecas, outros em salas de vídeo etc.

LM » O que motivou a adoção do Linux e do Software Livre em geral?

BT » As vantagens inerentes a essa solução. Primeiro, deixou-se de gastar 15 milhões de reais com a utilização do Software Livre, seja com a compra do equipamento, que é muito mais barato nesse caso, custando em torno de 250 dólares a unidade, seja com a manutenção da base instalada, que pode ser efetuada remotamente e com segurança na grande maioria das vezes, sem que tenhamos de adquirir software extra para essa finalidade, seja com o custo das licenças.

Mas a principal motivação foi a possibilidade do envolvimento da comuni-



Figura 1: Beatriz Tibiriçá.



Figura 2: Aula no Telecentro Jardim Nardini.

dade, pois o uso do Software Livre, além da vantagem econômica, traz consigo a vantagem do compartilhamento democrático da informação, o que possibilita a adaptação do software às necessidades do usuário ou do projeto em si, seja ele o de uma cooperativa, uma ONG (organização não governamental) etc. Além disso, o plano de Inclusão Digital tem três pontos básicos:

- tratar Inclusão Digital como Política Pública;
- disseminar o uso do Software Livre;
- o envolvimento com a comunidade, que se dá de duas formas: através dos Conselhos Gestores da comunidade e do aproveitamento de mão de obra local.

LM » Como o projeto foi desenvolvido?

BT » A primeira coisa foi criar uma distribuição Linux própria que oferecesse o maior número de aplicativos possível. Assim nasceu a distribuição Sacix, atualmente na versão Tamanduá [1]. Responsável pelo funcionamento dos sistemas nos Telecentros, o Sacix é uma distribuição GNU/Linux customizada, baseada na distribuição Debian e otimizada para funcionar em uma arquitetura com um servidor e 20 terminais leves ou “thin clients” (“thin client” é um computador sem disco-rígido, com uma configuração básica, que tem sua manutenção feita por meio do servidor). Os programas também rodam pelo servidor. Isso garante uma economia significativa ao projeto, já que o servidor é um PC comum e os clientes são máquinas de custo baixíssimo, sem

disco-rígido e com pouca memória, e dependem totalmente do servidor. Hoje o projeto se tornou uma referência dentro do governo e serve de base, por exemplo, para o Projeto Casa Brasil, do Governo Federal.

LM » Que tipos de serviços são oferecidos nos Telecentros?

BT » O curso de Informática Básica é oferecido, gratuitamente, em todas as unidades dos Telecentros, sendo ministrado desde a sua abertura. O curso tem duração de 20 horas -- duas horas por dia, de segunda a sexta-feira, ou quatro horas por dia, todo sábado. Nele os usuários aprendem como utilizar um editor de textos, uma planilha eletrônica, etc. Desde o início do projeto, em junho de 2001, mais de 105 mil pessoas já se formaram nos cursos oferecidos nos Telecentros. O curso visa levar conheci-

mento genérico sobre os aplicativos, de modo que não fica limitado a um programa específico. Assim, podemos dizer que aqueles que freqüentam os cursos estão bem preparados para trabalhar com aplicativos em qualquer ambiente, seja ele livre ou proprietário, já que os egressos aprenderam os conceitos e as funções disponíveis em todos os programas de um determinado tipo. “Não damos peixes, ensinamos a pescar”.

Desenvolvemos um filme para divulgar o trabalho nos Telecentros junto à comunidade local e um dos garotos entrevistados relata, inclusive, que no emprego que obteve – graças ao curso de Informática Básica e à oficina de Criação de Sites que ele freqüentou no Telecentro do seu bairro – ele não está utilizando Linux, mas não tem dificuldades com o ambiente proprietário usado na empresa em que trabalha (o filme pode ser visto em [2]).

Após uns cinco ou seis meses de existência do Telecentro, diversas “oficinas” passam a ser oferecidas pela Equipe de Atividades do Governo Eletrônico, tais como as de Comunicação Comunitária, Pesquisa na Rede (Conexão de Saberes), Arte Digital, Capacitação para Inserção no Mercado de Trabalho, Serviços Públicos, Educação Ambiental e Colagem. Além disso, há outras oficinas que são iniciativa da própria comunidade atendida pelo Telecentro, tais como Telemarketing, Biscuit, Crochê, Idiomas, Instrumentos Musicais, Blogs, Criação de Sites e Poesia.

Do total de computadores em cada Telecentro, 75% deles são usados para os cursos oferecidos; os 25% restantes são de



Figura 3: Entrada do Telecentro Brasilândia.

uso livre. O uso livre tem uma frequência média de 5 mil pessoas por semana.

LM » Qual foi a receptividade do projeto junto ao cidadão? Como é a relação com a comunidade?

BT » A relação com a comunidade ocorre primeiramente através dos Conselhos Gestores. Além disso, a mão-de-obra utilizada nos Telecentros pertence à comunidade local, ou seja, àquela nas vizinhanças do Telecentro, o que contribui para a geração de postos de trabalho na região onde o Telecentro está inserido. As pessoas captadas recebem treinamento em Linux e em atendimento à população, ou seja, está-se criando mão-de-obra qualificada na região do Telecentro. Adicionalmente, essas pessoas criam demanda no bairro, já que é prerrogativa delas cooptar mais mão-de-obra na vizinhança. Isso cria, a médio prazo, um impacto muito positivo sobre um outro problema grave que existe hoje no Brasil: a pirataria de software. Uma vez que os cursos oferecidos dão uma boa formação em informática básica, conforme já falamos, esse “know-how” adquirido pode ser revertido em favor dos negócios que funcionam nas proximidades dos Telecentros. Hoje, não é raro que o sistema de controle de estoque ou de cobrança do caixa do mercadinho da periferia rode sobre uma plataforma proprietária com software pirata que foi adquirido por cinco reais no camelô da esquina. Capacitando a mão de obra no bairro e disponibilizando uma fonte de conhecimento em Software Livre nas vizinhanças do mercadinho, estamos oferecendo uma alternativa à pirataria e, de quebra,



atendendo a uma demanda local com desenvolvimento de tecnologia nacional.

Aliás, os Telecentros estão capacitados a ajudar os usuários a trocar seus programas piratas por softwares livres. As pessoas podem levar seus computadores ao Telecentro mais próximo e trocar os programas irregulares que estiverem instalados no computador. Os funcionários dessas unidades também oferecem assistência técnica gratuita para quem fizer a troca.

Para ilustrar o quanto foi boa a receptividade dos Telecentros, basta dizer que, hoje, eles são uma das maiores solicitações da comunidade no Orçamento Participativo. O público se engaja em favor do Telecentro do seu bairro, quer ver seu Telecentro progredir etc. Aliás, é importante ressaltar que os Telecentros foram implantados primeiramente nos bairros mais carentes da cidade e que estamos chegando no centro somente agora, quando já temos mais de meio milhão de cadastrados, dos quais 50% são jovens de até 20 anos de idade. Hoje temos 124 Telecentros em funcionamento e mais 6 encontram-se em processo de abertura, no maior projeto de Inclusão Digital da América Latina. São mais de três mil estações conectadas à Internet. A Rede de Informação para o Terceiro Setor (RITS) desenvolveu, inclusive, um estudo com os usuários dos Telecentros, denominado *Apropriação cidadã dos Telecentros de São Paulo: um levantamento social*, coletando estatísti-

cas detalhadas junto à comunidade ao redor deles. Esse estudo pode ser baixado da Internet diretamente do site do Observatório de Políticas Públicas de Inovação [3].

LM » Houve resistências na fase de implantação do projeto? Há sempre aquela história de que Linux e Software Livre não são amigáveis etc. Como vocês enfrentaram esse tipo de preconceito?

BT » Olha, há mais dificuldade em migrar uma secretaria do governo, que já tem seu legado e cujos usuários estão acostumados com o sistema instalado. As pessoas que visitam os Telecentros não têm preconceito, já que, via de regra, a primeira vez que eles entram em contato com o computador, ele já está rodando em Software Livre. Como já falei anteriormente, os primeiros Telecentros eram “dual boot”, mas no final das contas somente a instalação do Sacix era utilizada. Fizemos até uma proposta à Microsoft no início do projeto: se eles nos dessem o Telecentro montado, nós manteríamos as máquinas com os dois sistemas. A empresa nunca nos deu um retorno em relação a essa proposta.

LM » A equipe do futuro prefeito José Serra, do PSDB, que assumirá o governo da cidade de São Paulo no ano que vem, já deu alguma indicação se irá continuar, aprimorar ou modificar o projeto dos Telecentros?

BT » Até agora não há nenhuma indicação da equipe do Serra. A vantagem do projeto é que ele já está funcionando, e temos isso para mostrar para o próximo governo. Além disso, o projeto se tornou um modelo de sucesso que está sendo apresentado no mundo todo. É muito mais custoso parar o projeto do que dar continuidade a ele. E há também um movimento no Governo do Estado em prol da utilização do Software Livre pois, quando se trata de um projeto público, o custo fica baixíssimo. ■

Foto: Beto Garavello



Figura 4: Telecentro Novo Mundo.

INFORMAÇÕES

[1] <http://softwarelivre.prefeitura.sp.gov.br/wiki/SacixTamandua>

[2] <http://www.Telecentros.sp.gov.br/videos/Telecentros.mpg>

[3] <http://www.infoinclusao.org.br/>